

(0) TÁ NA MALA! TÁ NA MALA!

Arremedando uns acordes incipientes nas cordas duma viola (uma Dom Giorgio oferecida em Mira de Aire à saída para a mobilização) cantámos entusiasmados o “grito (do fim) da guerra colonial”! Era um grito simbólico usado na Guiné a desabafar 2 anos, sempre mais, de comissão obrigatória, numa guerra que nunca ninguém compreendeu, nem quem a promulgou, nem quem a sustentou e dela beneficiou, ou a teve de aguentar. “**Tá na mala!**” era o grito de despedida de comissão, a recordar aqueles que com saudade esperavam ansiosos, de coração na boca, os que algum dia regressaram, felizmente, sabe Deus em que condições (!) ou o choro de muitos (foram mesmo muitos) que vieram, mas para a sepultura.

Guiné! Estive lá! Fui lá!

42 anos separam sentimentos díspares, os de então angustiados e sem se perceber o sentido, os de agora, de memórias de caminhos pisados, quantas vezes minados, hoje, livres, sim, mas sempre com aquele signo de medo e angústia que assolavam o coração dos que, à força, tinham o “dever” de defender nem se sabia bem o quê!

Decidi-me a mesclar “sentimentos e recordações de então” com as “emoções de agora”... ao pisar outra vez aquele solo ingrato, no ambiente, no clima, no medo da morte, fosse de bomba, tiro, fosse de malária ou outra peste qualquer para que os nossos corpos de europeus não estavam minimamente preparados. Só à força de “quinino”, em doses cavalares, e de muito álcool e tabaco, com que alguns afogavam mágoas inauditas.

É o objectivo destas simples crónicas, tantas vezes com aquele cunho pessoal, talvez demasiado pessoal, mas que exprimem sentimentos gerais, que ninguém entendeu, mas que dá para perscrutar como há missões espinhosas na vida que, nem com muito boa vontade, dá para sublimar.

Mistura-se a realidade dum “diário” vivido e escrito, às vezes em pormenores de ocasião, com a memória hoje tornada presente em locais de vivências estranhas em vidas de jovens, cheios de sonhos, mas contrariados por ventos que lhes eram alheios, e poucos benefícios lhes proporcionaram, a não ser prepararem a dureza da vida com a dureza duma guerra imposta, em condições que só os próprios são capazes de avaliar!

Em boa hora, a UASP (União das Associações dos Antigos Alunos dos Seminários Portugueses) lançou esta iniciativa que não só espicaçou a “memória” de antigos combatentes, como os levou a reviver momentos duros, e a outros, a ambientes de verdadeiros oásis de evangelização e caridade. Foi a grande dose de humanização e solidariedade que nos levou a visitar organizações, na sua quase totalidade de âmbito religioso e missionário. Sim, aqui a vocação cristã tem uma expressão sincera e alegre em todos aqueles que, idos da Europa, da América e da própria África, aqui prestam serviços inimagináveis de âmbito sanitário, educacional e religioso.

Bem hajam! São um exemplo extraordinário que toca, que fica no fundo do coração.

É este o objectivo destas crónicas.

Com amizade.

Artur Oliveira (*Alferes Capelão*)